

O QUARTO DA MÃE

1941

Leninegrado, União Soviética

Aprendi como os rostos se desfazem

– ANNA AKHMÁTOVA

1

A mãe continua fechada no quarto.

Aguento a madrugada e a fome ao piano, retoco uma sonata do Scriabin na sala. Ouço a mãe gritar durante os clarões na montanha, enquanto a cidade é bombardeada, mas não descemos para o abrigo subterrâneo. O choro dos bebês não nos deixa descansar, a tosse e os gemidos no escuro, o cheiro intenso dos outros. O tiquetaque no vidro da janela, o fim da tarde esverdeada, a voz que sai do altifalante diz para termos coragem. Afago a porta do quarto da mãe e sussurro versos do pai com os lábios na fechadura.

O canal arde sem gaivotas, enegrecido pela cinza.

As janelas do apartamento têm um arco rendilhado, alguns vidros estilhaçados, tábuas pregadas no lado de fora. A porta da rua está vigiada por duas ondinas de mármore. Na outra margem, sobre a neve, braços e colunas de fumo, duas sirenes em contraponto. Ponho três pratos rasos e três copos de cristal na mesa, vou buscar dois cavalos do tabuleiro do pai, coloco-os na travessa que vai ao forno. Aspiro migalhas da gaveta, engulo-as com um resto de espumante, lambo o prato depois de conversar com ele. Rio-me das graças dele. A mãe acende uma coluna branca na parede do corredor, que

se extingue quando volta a fechar a porta. Abro a porta de casa, abraço a sombra do pai.

Aguento o último bombardeamento debaixo do piano, desenho palavras com a navalha do pai. Escrevo o meu maior desejo. Queimamos todos os livros de capa grossa para aguentarmos este inverno, todos menos o das *Almas Mortas*. A mãe gosta desse livro, diz que não estamos realmente vivos.

Quando o Misha era vivo, a mãe deixava-me chupar os mamilos dela, um leite tão bom e tão doce que dava vontade de ficar ali para sempre. Esta fome dá-me pensamentos que não quero, não consigo calá-los dentro da cabeça. Se passo muitas horas sem comer, começam a pedir-me para roubar as senhas dos velhos caídos, pedem-me coisas horríveis. Às vezes, penso em roubar o vizinho de cima. Já imaginei várias maneiras de lhe roubar a comida que compra no mercado negro, mas ele dorme abraçado à espingarda. Dantes, gostava de escutar as óperas e os oratórios dele. Agora, canta nos dias chuvosos, desafina na última parte do *Requiem* alemão; grita pelos filhos em cada *Selig sind die Toten*.

Rastejo até ao meu quarto. Enrolo-me em três cobertores de lã, meto-me debaixo do colchão de palha e tapo os ouvidos para abafar as bombas que explodem. Quando o bombardeamento termina, levanto-me, olho a noite de chamas e relâmpagos. A porta do quarto continua fechada, colo o ouvido na madeira para ouvi-la respirar, mas os meus dentes não param de tiritar.

Acordo com os primeiros canhões da manhã. Tenho os lábios cortados, arrasto-me de debaixo do colchão e sacudo o pó do cabelo e da cara. Um avião despenha-se sobre o Almirantado. Ardem-me os lábios e os olhos. Absorvo a maresia

do canal, o quarto suspenso nas palmas das mãos. Lambo a minha respiração condensada no vidro. Esfrego os joelhos e os cotovelos, dou um beijo na fotografia do meu álamo preferido, no relógio de bolso do pai, que continua parado. Recordo-me nitidamente de o ver entrar no carro lá em baixo, escoltado por dois agentes do NVDK. Despediu-se com um beijo soprado. A polícia veio uma semana depois, reviraram tudo, abriram o piano e a celesta, entraram no quarto da mãe. A mãe disse que não se arrepende de nada. De ter trocado as senhas de racionamento por um vestido colorido, de ter queimado as promissórias e os livros do partido, de ter abrigado condenados. Disse que estava farta de tocar nas festas do comissariado, farta de engolir promessas falhadas, cansada das mentiras no *Pravda*, das ameaças do *Gulag*, dos discursos hipócritas do Estaline. Disse que não merecia esta vida, que tinha vergonha de viver nesta mentira. Espancaram a mãe. Disseram que éramos inimigos da revolução – o pai lia revistas francesas e italianas –, que éramos espíões da burguesia fascista. O pai vivia um dia de cada vez, não tinha muitos amigos, gostava de livros e canções simples.

Não ponho a mesa. Sigo os pássaros e os corpos no canal.

A última fronteira, aproximo-me dela, preparo uma frase, mas falta-me coragem. Passo a mão pela camisola colada ao peito, bato três vezes à porta:

– Mãe, vou ao canal buscar água.

Encosto a testa na porta coberta de fuligem.

– Mãe, estás a ouvir?

Uma inspiração breve, rajadas de metralhadora na outra margem.

– Mãe, vou buscar água.

Não responde.

Descolo a orelha da madeira, espreito pelo buraco da fechadura. A mãe está a despir o robe do pai. O cigarro ilumina-lhe a cicatriz. Brillham brincos de pérola, alisa o cabelo, a mesma sombra azul nos olhos. Dá uma passa funda, não sabe que estou a espreitá-la. A mãe fuma muito, às vezes parece esconder-se nesse nevoeiro cerrado. Tenho medo que ela adormeça e pegue fogo à cama. Nos primeiros dias de inverno, queimou os diários e as cartas do pai na lareira. A mãe está muito magra, notam-se muito os ossos da cara. Não me lembro de ver a mãe comer de um prato, não me lembro de almoçarmos à mesa, não me lembro de lhe ouvir o riso.

– Mãe, abre a porta.

Está a murmurar com os cabelos nas mãos, beija-se no espelho.

– Mãe!

– Cala-te, deixa-me estar.

Engulo em seco, ajoelho-me aos pés da porta.

Esta noite, sonhei que voava por cima das ilhotas do outro lado do rio, em direção ao lugar onde o pai está preso. O pai dizia mal do comandante Vorochilov, fazia reuniões clandestinas na sala, mas nunca dizia mal dos camaradas do partido. O pai nunca cantava a Internacional. A mãe pedia-lhe para ter cuidado, mas ele punha-se a assobiar a melodia.

Tenho saudades de dormir com o pai, de lhe beijar o pescoço, de lhe dizer o que sinto. A mãe nunca me deixa dormir com ela. Quando vai à casa de banho e deixa a porta encostada, entro sorrateiramente no quarto e deito-me na cama desfeita, respiro na almofada que ainda tem o cheiro do pai.

A chave do quarto da mãe costuma ficar em cima do cinzeiro de metal, ao lado da moldura que tinha uma fotografia de nós os quatro, mas eu sei que nunca mais vamos voltar a estar juntos. A mãe rasgou-a depois do recital no pequeno auditório, depois de o pai dizer que ia fugir para o estrangeiro. Chorei na cama. No dia seguinte, a mãe colocou a pistola dentro da sacola, disse que ia falar com o capitão que tinha mandado fuzilar os amigos do pai. Não lhe abriram a porta.

«Acabaram-se os dias felizes» – foi o que a mãe disse quando chegou a casa. Rasgou a fotografia em pedaços e despejou-os na sanita. Tentei desenhar aquela fotografia nas folhas de um livro de poemas, mas acabámos por queimá-lo na lareira. Do pai, nem sequer resta uma fotografia, apenas a sombra do rosto dele no escuro.

Em casa, não há pão, nem água nas torneiras, nem eletricidade, nem lareira acesa. Cortaram tudo depois dos bombardeamentos de setembro. Os armazéns arderam, mas ainda cheira a açúcar e carne queimada. Fecharam a escola e o conservatório da mãe. Fecharam o teatro onde via o *Quebra-Nozes*. Já não há sorvas nos arbustos, nem bolbos no jardim, nem rebentos nos ramos, nem raízes debaixo da neve. Comemos gelo e folhas secas há várias semanas.

Somos pão e água, somos a cinza no Neva, somos o silêncio de Leninegrado.

Na segunda-feira, fizemos uma espécie de sopa com sementes que apanhámos no pátio. Aquela papa deu-me dor de barriga e vomitei, mas era quase só saliva. Quando os sinos da catedral de Kazan começaram a tocar, a dor na barriga

abrandou e soube que íamos aguentar mais um dia. Disseram-me que a sopa de papel de parede não é má de todo e vou dizer à mãe para fazermos uma.

– Mãe, vou buscar água!

A mãe puxa o bacio que está debaixo da cama, baixa-se, tem um corte no fundo das costas. Tinha dores quando dava aulas no conservatório; agora, já não tem alunos. Pratica uma ou duas horas, três no máximo. Eu costumava virar-lhe as pautas, levantava-me, olhava a respiração, o teclado refletido nos olhos, esperava o gesto para virar a folha. Nos concertos das noites brancas, deixavam-me entregar flores ao maestro e aos solistas. Dei um beijo ao Mravinsky e ele disse-me que eu ia ser uma grande bailarina. A mãe foi suspensa do conservatório porque se recusou a tocar o que eles queriam. Despediu-se do Dmitri e do Kamenski, beijou-lhes a boca, disse-lhes que estava melhor em casa. O Dmitri fugiu para uma aldeia do interior, mostrou-nos as pautas de uma sinfonia por acabar. Disse que os bombardeamentos e a fome não o deixavam compor, mas o pai disse que a melhor inspiração é o frigorífico vazio. Se não fossem os alemães, o frigorífico estaria cheio e teria plantado flores no pátio. Se não fossem os tanques e os canhões, as árvores estariam verdes e os pássaros pousariam na minha varanda para bicarem os pedaços de pão e sementes que lá deixo. Os pássaros deixaram de bicar no vidro da minha janela, deixaram de me acordar para a luz do dia.

Afasto-me da fechadura antes de a mãe se limpar e atirar a toalha para debaixo da cama, como já a vi fazer. A mãe não lava a roupa; ando com esta camisola há várias semanas, algumas toalhas têm crostas vermelhas, os lençóis têm manchas de sangue. Tenho as pernas e os braços todos picados. Durmo

nos mesmos lençóis desde o verão passado. Debaixo da cama da mãe há uma mala fechada e a espingarda que o pai trouxe da guerra da Finlândia. O pai não morreu nessa guerra porque pedi muito por ele, passei muitas noites diante das estrelas, até não aguentar mais a dor nos joelhos. Quando o pai deixou de vir dormir em casa, a mãe começou a ficar estranha, a falar para o teclado, a resmungar com os quadros pendurados nas paredes da sala. Perguntava pelo meu pai a desconhecidos que encontrava nas ruas da cidade. Às vezes, ficava alegre como quando saíamos com os seus amigos do conservatório e íamos à pastelaria. Comíamos bolos e bebíamos chá de tília, ouvíamos quartetos de cordas e histórias das *datchas*. Outras vezes, durante a noite, acendia as velas do candelabro e trauteava canções com palavras desconhecidas. Abria a janela da sala e falava sozinha, virada para o canal iluminado pela lua. Eu escutava-a do corredor, sem fazer barulho, não queria que a minha respiração a assustasse. Quando passava pelo meu quarto, fechava os olhos e fingia que dormia.

Numa noite sem bombardeamentos, a mãe deitou-se à minha beira, deslizou a mão pelos meus cabelos, pelos meus lábios e beijou-me o umbigo com a língua. Fingi que não estava acordada. Disse-me coisas ao ouvido, coisas que não posso contar a ninguém, coisas que só se dizem quando temos a certeza que vamos morrer.

Pego na lata pela alça de arame.

– Mãe, já vou!

Desço as escadas do varandim, avanço até à superfície do canal semeada de panfletos – recados dos alemães, propaganda do partido comunista. Prendo as abas do casaco com o braço, sinto agulhas no peito quando respiro, enterro as

botas na neve macia. Custa-me caminhar, descanso para recuperar o fôlego. Uma gaivota moribunda bate uma asa, tem o bico chamuscado. Alguém vai acabar por comê-la.

Tenho medo de pisar as crianças e as mães que morreram. As pernas da mulher que morreu a atravessar o canal já desapareceram, mas as mãos continuam levantadas para o alto. Tenho os pés dormentes. Na outra margem ouvem-se berros, há casas em chamas e espirais de fumo a subirem dos telhados brancos. Um homem grita, tem o corpo a arder, atira-se da varanda em labaredas. Ouço zumbidos agudos, sinto tonturas, escondo-me, pressinto as vésperas cantadas na rua. Um pelotão de soldados atravessa o canal, conto doze espingardas, tenho vontade de segui-los. Devem ir reforçar as defesas de Leninegrado.

O pai era secretário do exército, trabalhava no Smolny, trazia caixotes de comida dos barcos que atravessam o lago Ladoga; muitos são afundados pelas bombas que caem no gelo. O pai deve ter lido a carta que lhe deixei no bolso do casaco. Escrevi-a com o meu sangue. Quero que ele volte, mesmo que venha de mãos vazias. Esta guerra é estúpida, nunca mais acaba e eu não tenho a força do pai, não tenho aqueles dedos compridos, não tenho aqueles lábios grossos. Um dia, o pai beijou-me na boca, sem querer. Tenho esse beijo guardado para os dias em que penso que vou morrer. Não entendo o porquê disto tudo, tanta crueldade. Os adultos não deviam ter deixado a guerra acontecer. Os adultos acham que sabem tudo. Se soubessem tudo, davam mais valor às árvores e às crianças, não se matavam por coisas sem importância.

O pai ensinou-me a gostar de poesia e teatro. Se o pai morrer ou não voltar para casa, temos de ir para a fila do pão; já

estive sozinha nessa fila e olharam-me de alto a baixo numa grande risota. Às vezes, desaparecem mulheres e crianças da fila na madrugada que nunca mais acaba. O pai costumava trazer cigarros e garrafas para a mãe, cubos de açúcar e barras de chocolate para os nossos serões na cozinha. Na sala, no meio da nuvem de fumo de tabaco, escutávamos a mãe a tocar piano – Medtner ou Scriabin. Quando não conseguia adormecer, a mãe tocava Debussy ou Chopin, melodias feitas de silêncios e semifusas com sabor a caramelo. As sonatas do Mozart sabem a baunilha.

Nos dias felizes, antes da guerra, o pai abraçava-me e levantava-me no ar como se fosse uma taça de espumante. O pai queria que eu tocasse com a mãe, queria que tocássemos a quatro mãos. A mãe dizia que era cedo de mais, mas o pai queria que eu fosse uma pianista famosa. Ensaíamos a pequena suíte com as velas acesas, mas eu gosto mais de escutar a mãe ao piano, de vê-la sorrir enquanto murmura as dinâmicas, de ouvi-la tocar no escuro e sentir que sou os sons que escuto, um espírito a levitar no escuro. Também gostaria de ser bailarina para dançar o lago dos cisnes e ver a plateia bater muitas palmas por ter sido perfeita. Gostava de voltar a escutar os pássaros nas árvores, de sentir a mãe e o pai a meu lado, abraçados. Gostava de me perder numa floresta e que o Misha ainda fosse vivo e adormecesse no meu colo.

Ajoelho-me, meto duas mãos-cheias de neve à boca, suspiro neste consolo gelado. Não sinto os dedos dos pés, nem a ponta do nariz. Na semana passada, vi uma mulher pendurada de um gancho de talhante espetado entre as mamas, sangrava para um balde cheio de líquido escuro e coalhado. Corri o mais que pude, com medo que a alma dela viesse atrás

de mim. Às vezes, sinto que há outra criança dentro de mim, o espírito de uma menina que não conheço.

Tenho vontade de fazer chichi, escondo-me atrás desta carroça encalhada, sinto o cheiro a coisas podres. Subo a saia, baixo as meias-calças, aguento de cócoras enquanto mordo os lábios de cieiro. Alívio amarelo. Ao fundo do canal iluminado pelas labaredas, avisto uma mulher coberta com um manto negro e toda curvada enquanto puxa um trenó por uma corda atada à volta da barriga. Tenho medo dela, sinto um nó na garganta. É a velha que rouba os mortos do canal. É o que dizem os vizinhos do bairro.

Três dedos de vodca, dois comprimidos, uma gota de láudano, quero tanto morrer.

A mãe está sozinha em casa. Tenho sempre muito medo quando ela fica sozinha. Tenho medo que volte a engolir os comprimidos para dormir. Um dia, engoli três, sem ela saber, senti que o pai estava à minha beira e me beijou o cabelo.

A voz do homem no altifalante avisa que não podemos sair de casa, diz para não ficarmos em pânico. O metrónomo da rua acompanha o ritmo da minha passada, contorno a pequena poça fumegante. A voz no poste de eletricidade diz que os nazis não avançaram um único palmo, diz que vamos vencê-los com foices e espadas. O pai dizia que para vencermos os nazis só precisávamos de pão, sabão e cebolas. Dizia que o diabo iria fritá-los na panela. Só espero que depois não façam salsichas com eles – pois gosto muito de salsichas alemãs.

Cresce o incêndio no canal, um homem está parado na ponte dos leões.

Respiro sobre as mãos para as aquecer. Espero que todos passem, desço os degraus para o canal gelado. Contorno os bancos deixados pelos pescadores.

As primeiras coisas que me lembro de ver: a mãe despida ao piano, o luar no canal de Santa Catarina e o verde-branco das bétulas no Jardim Botânico. Gosto de pensar que Santa Catarina é uma menina que vive no canal. Uma menina que salva pessoas de se afogarem, uma menina que pressente tudo.

Um gomo de luz ilumina o nosso andar. A mãe deve ter saído do quarto, deve ir tocar piano. Cai chuva de cinza no meu cabelo, sacudo-o com força e tento fugir deste véu de faúlhas que parece desenhar um rosto de luz. O rosto olha-me fixamente, todo incandescente, e desaparece. Deve ser o pai a querer falar comigo. O pai ainda deve estar vivo. Um dia, irei visitá-lo. Não tenho medo de ir sozinha, levo a pistola do Exército Vermelho. Tenho tantas saudades dele. Vou dizer-lhe que ainda acredito que vivemos no paraíso e que vamos ficar juntos.

Tiro a chave de fendas presa no cinto, espeto-a no gelo, repetidamente, até quebrar a superfície dura. Não sinto os joelhos, nem a ponta do nariz, nem as mãos. Esqueço a dor na barriga. O único pensamento agora é molhar a garganta e matar a sede. A chave de fendas escorrega-me da mão, volto a agarrá-la, espeto a lâmina na superfície do rio.

– Ekaterina, Ekaterina, Ekaterina!

Se ela aparecer, puxo-a para fora das águas geladas.

Olho a neve no fundo da lata. Ergo a cabeça a tempo de ver a fresta de luz passar do quarto da mãe para a sala – deve ter acendido uma das velas do candelabro. Pressinto uma mão na nuca, mas não é ninguém, é o vento. Ardem-me os

olhos da noite mal passada. Continuo a furar o gelo, já sem forças, até abrir uma fenda e sentir a corrente de água gelada. O meu pai disse-me que os rios são clepsidras gigantes, que são fontes de um tempo que nunca passa.

Alargo o buraco, encho a lata até à borda. Bebo uma golada prolongada. Uma cobra gelada a dançar-me dentro da barriga. Consigo perceber partes da sonata da mãe na brisa que me revolve o cabelo, parece chamar por mim, mas cala-se repentinamente.

A velha está mais próxima. Ataca-me pelas costas, agarra-me o pescoço com dedos compridos, puxa-me a cabeça para trás e tenta estrangular-me. Trinco-lhe a mão dura como couro, enrolo-me no chão, como um bebé prestes a nascer, agarro com força o cabo, aponto o bico ao rosto dela, ao rosto imaginado. Não lhe acerto. Ao virar-me, vejo o incêndio refletido nos olhos dela. Falho à segunda, acerto à terceira.

A velha desata aos gritos.

Tenho sangue no cabelo e na cara. Desembaraço-me dela, não sinto remorsos, aprendi a ver a morte da janela. Ela geme com as mãos no rosto. Escorre-lhe sangue do olho. Acertei-lhe em cheio. Uma poça vermelha cresce na neve. Arrasto-me de gatas, deixo-a ali a contorcer-se e a sangrar. Largo a chave na poça de sangue. Começo a correr, escorrego, corro até à escadaria metálica, salto os degraus, fujo sem olhar para trás, entorno a água quase pela metade. Que vontade de virar a cabeça para confirmar que ela não vem atrás de mim. É melhor não. Vai morrer ali e já não vai comer mais crianças. Prefiro morrer a comer carne humana.

Subo as escadas de casa, deslizo pelo corredor. A mãe deixou a vela acesa em cima do piano. Já não está na sala.

Inclino-me junto à fresta da porta, sinto agulhas picarem-me o peito, custa-me respirar.

– Mãe, abre a porta!

Um estalido no soalho.

– Mãe, abre, por favor!

– Deixa-me em paz!

O quarto da mãe cheira a tabaco; também cheira a perfume de rosas misturado com maresia. O coração esganado, os ouvidos a latejar, não consigo travar a respiração acelerada, o tiquetaque do metrónomo lá fora, dói-me cada batimento, a culpa a gritar-me da mão e da manga ensanguentadas. Sento-me no chão, desato a berrar:

– Mãe, deixa-me entrar! Estou a sangrar!

Nem uma palavra.

Mais um bombardeamento. Tapo os ouvidos, baixo-me no corredor, enfio a cabeça entre as coxas, estremeço juntamente com as paredes do apartamento, um choro miudinho que ninguém escuta. Fecho os olhos, mas não me deixo adormecer.

A mãe abre a porta.

– Que é que andaste a fazer? – aperta-me os dedos, pega na lata.

– Foi a velha, mãe – tento levantar-me.

– Que velha? – tento abraçá-la pela anca.

– A que queria ficar com o Misha.

– O que é que ela queria?

– Queria matar-me!

Pousa a mão na minha nuca, afasta-me, faz-me desistir do abraço. Fecha-se na casa de banho, ouço-a beber da lata. Deixo o buraco da fechadura, atravesso o corredor, sento-me

ao piano. Ainda tenho sangue na mão direita. Toco o que ela me ensinou no verão passado. Deve estar a ouvir-me, deve estar arrependida por ter falado comigo daquela maneira. Começo a tocar, a mãe gosta deste prelúdio. Não tarda nada vai abrir a porta, deve vir pedir-me desculpa. Senta-se no sofá depois de sacudir a fuligem pousada. Diz que toco os compassos separados, diz que a música é libertação, que é a voz do sonho humano.

– Toca de olhos fechados – pede-me com um cigarro na boca.

– Porquê?

– Para ouvires melhor – um clarão invade a sala.

– Está bem – sorrio.

Gostava que os prelúdios da mãe fossem mais alegres, que não me fizessem chorar. Ela vai levantar-se, vai sentar-se ao meu lado. Vai beijar-me por ter tocado bem, por ter sido perfeita. Se não somos perfeitos, não merecemos estar vivos – é o que ela costuma dizer. A mãe não se levanta, não diz nada, não me abraça. Sinto raiva de mim, não tenho coragem de lhe pedir nada. Tenho medo que volte a fechar-se no quarto.

A dor na barriga cresceu, desceu ao ventre, não sei se aguento mais um dia. A mãe ainda deve ter leite de dar de mamar ao Misha, mas não tenho coragem de lhe pedir. Enterrámo-lo há três semanas no Campo de Marte. A mãe não chorou, cuspiu na cara do Comissário do Povo. Atirei uma flor para cima do caixão. Uma margarida pequenina. O Misha fazia-me rir, gostava de tocar na celesta no meu quarto. O pai jogava xadrez connosco e deixava-nos ganhar; às vezes discutia comigo por eu não pôr a mesa, mas nunca me bateu; fazia-me festas no rosto, cócegas nos pés. Se lhe

pedisse muito, deixava-nos adormecer aos dois na cama dele. Tenho saudades do Misha, às vezes tenho pesadelos em que o desenterraram.

O tique-taque do metrónomo é abafado pelas onze badaladas da catedral de Kazan, mansão de mármore e granito que alberga o museu das religiões, não nos deixam rezar, aliso as madeixas, puxo o halo da rua, desfaço o cansaço da insónia, engulo a ressaca, sinto um nó ácido na garganta, olho a manhã de escombros e sirenas lá fora, olho o rescaldo do incêndio pelos buracos das tábuas, sete ripas de madeira, tento despregar a do meio, bato-lhe com a sola do sapato, está bem pregada, estamos todos pregados a esta vida, o homem da rádio avisa para caminharmos junto à fachada sul, diz para não ficarmos em casa durante os bombardeamentos, não entro em pânico, apetece-me correr pela rua fora enquanto somos bombardeados, vamos morrer todos, atravesso o corredor, ela adormeceu, tem a cara manchada de sangue, lembra-me a fragilidade do pai, o mesmo pensamento de esganá-la, não quero que sofra mais, os canhões dos alemães no cimo da montanha, um manto branco a vomitar sobre as ruas aluídas, sobre os canais com poças de sangue, deve faltar pouco para este andar ruir, um braço de velha aponta para este lado, parece carbonizada, não, não vou buscá-la, deviam fuzilar aqueles que andam a comer os mortos, não há quase nada para comer, apenas duas batatas no armário, é para a última ceia, quando não houver mais nada, não quero ir para a fila do pão, tenho medo que me apanhem e cortem às postas para me cozerem numa panela, vamos morrer à fome, só desejo que ela morra depois de mim, se ela morresse era tudo mais fácil, matava-me a seguir, a pistola está

carregada, não estou viva, sou um pedaço de consciência faminta.

Acordo com um bando de caças a revoar no céu deste lado; devem ser dos nossos. A mãe desce as escadas do sótão. Escondo-me atrás da porta da sala, tento não fazer ruído ao respirar. Os joelhos estalam. Sigo-a à distância de sete passos, aguento três fôlegos abafados. A mãe afasta as cortinas. Amaina a chuva de fósforo e faúlhas, espreita a outra margem. Lambo os lábios gretados. Olho-a, tem as costas refletidas no espelho redondo pendurado na parede da sala. O quadro de Lenine desapareceu há muito. Quando o pai mentia ou discursava, terminava sempre com:

«Palavra de honra de Lenine!»

Pressinto o vulto de um monstro no fundo do espelho; quer vir para o nosso meio. Tem o olhar do homem que costuma dormir no quarto da mãe; toca violoncelo no fosso do teatro. A mãe enche um copo de cristal com um resto da vodca, ergue-o em direção ao canal. Entoa um cântico, num falsete tremido. Repete versos soltos.

*Bebo à casa arruinada, bebo aos lábios que me mentiram,
bebo a Deus por não salvar ninguém.*

Eu estou a tremer. O cigarro apaga-se nos lábios. A mãe tenta reacendê-lo com um fósforo, acende mais três, depois senta-se ao piano. Chama-me para perto de si, toca o prelúdio do Scriabin para a mão esquerda, dá-me a mão direita. Aperta-a com força, trinco os lábios para não cegar com as lágrimas, vejo tudo desfocado. Os cabelos, diante da vela,

tremem na brisa da sala, apagam-se no bafo que chega do ártico. A mãe toca o prelúdio só para mim, repassa-o devagar, encavalitado por sorrisos e suspiros fora dos compassos. O bailado da mãe leva-me às fontes do palácio de Peterhof, aos lagos dos cisnes e patos, aos jardins dourados, às árvores altas. Corremos ao longo do canal, descalças, em direção ao mar. Entramos no veleiro do avô, caçamos os cabos, esticamos as velas latinas, saímos para o alto-mar.

Retoco órbitas degeneradas, fecho os olhos do pensamento, farta do aroma do fim.

A mãe larga-me a mão, apaga a chama da vela com as pontas dos dedos, levanta-se, suspira para o teto, ata o cinto do robe com dois nós. Vai à cozinha. Abre portas, revira gavetas de cima a baixo. O pacote de farinha desapareceu. Pergunta-me por ele:

– Pegaste na farinha?

– Não.

– Foste tu, não me mintas!

– Não sou mentirosa!

– Se não dizes a verdade vou-me embora.

Encolho-me, baixo a cabeça.

– Não conseguia aguentar a dor na barriga.

Fui eu, comi-o às escondidas, debaixo da cama. Limpo a boca com o pulso. A mãe contém a raiva, vai à despensa, traz duas batatas grelhadas, são as últimas do caixote; bebe do fundo da vodca, murmura o verso repetido pelo pai.

Todas as fomes são más, todas as guerras são inúteis.

- Vamos comer, põe dois pratos!
- O quê, mãe?
- É o que temos.
- Podíamos fazer sopa com papel de parede.
- Quem te disse isso?
- Foi a vizinha do terceiro.

Jantamos na cozinha, caladas. O ruído da minha mastigação irrita a mãe; engulo a pasta salivada, lambo o chão do prato, colo os bocadinhos de batata na ponta dos dedos, levoo-os à boca. Chupo-os sem vergonha. A mãe ri-se das minhas caretas.

- Se morrer, promete-me que rezas por mim.
- E se morrermos as duas?
- Promete-me!
- Prometo.
- Promete que pões flores na minha campa.
- Prometo.
- No céu, voltamos a ficar juntas.
- Eu sei, mãe.

A mãe sorri, manda-me levantar a mesa. Empilho os pratos na banca. Dói-me a barriga, como se estivessem a arrancar-me o estômago. Enquanto estou na cozinha, a mãe começa a empilhar as partituras dos estudos e das sonatas. Queima tudo para nos aquecermos. Cantamos a canção do *Corvo Negro*, abraça-me como se nunca nos tivéssemos zangado. Diz que tem saudades de me pegar ao colo.

A mãe está ao piano durante o bombardeamento da tarde. Não hesita uma nota, mesmo quando uma bomba incendiária

faz estremecer as paredes e o soalho. A mãe acaba com um murro no teclado, eu bato palmas para vê-la sorrir. Corro para o colo dela, entrelaçamos os dedos. Abraço o ventre da mãe e ela beija-me a testa. A mãe deixa-me na sala, caminha apoiada na parede de tinta descascada, tropeça no tapete que alinha o corredor para os quartos. Engulo em falso, pergunto-lhe no começo da fuga:

– Mãe, onde vais?

A mãe, descalça:

– Deixa-me ir – limpa os olhos com as mãos.

Aguento o murro no estômago.

– Vais prà fila do pão?

A mãe solta o cabelo.

– Vou sair.

Olho-a no umbral da porta, aceno-lhe a descida.

– Vais demorar muito?

– Não sei quando volto.

Se numa manhã de inverno chamam por mim, procuro a boca desse chamamento, ponho a cabeça de fora, uma mancha humana está parada na ponte dos leões, tropeço no tabuleiro de xadrez, agarro-me a um ombro de madeira, caminho com as mãos à frente do peito, está escuro, apalpo a incerteza do caminho, avanço sem receio, cavo num lugar próximo do peito, sempre o presente imperfeito, enquanto o metrónimo da rádio ensurdece, murmuro os versos do costume, murmuro-os até encontrar a maçaneta da porta da rua, invoco nomes do passado, trauteio passagens antigas, aliso a superfície da porta, chamo pelos amigos que partem sem avisar, recito o poema do meu amigo, aquele que dissemos de pé no último congresso

clandestino, no ano em que homens e mulheres desapareceram como moscas, eu estive sempre no meio do meu povo, nunca os abandonei rodo a maçaneta, empurro a porta para o outro lado, se nesta manhã chamam por mim, vou sem compaixão desta ilusão persistente, farta de tudo, de tanto querer e sentir, destes nada, procuro a luz de onde vim.

A mãe desce as escadas do prédio, cinza e silêncio no pátio e atravessa a rua até ao varandim do canal. Ninguém a deseja como eu, ninguém a sente longe como eu. Os pés da mãe enterram-se na neve, o vento sopra-lhe as madeixas. Esvoaçam casacos e sobrecasacas, restos de cadáveres consumidos no último incêndio. A cidade arde no caminho da mãe. Baixa-se, leva um punhado de neve à boca.

Fomos pelo que sofremos.

A mãe apoia as mãos na superfície branca.

Finalmente regresso a casa.

Ajoelha-se no branco do canal, perto da cratera feita por uma bomba dos últimos bombardeamentos. Inspira fundo, o meu bafo embacia o vidro da janela. Inspiramos a canção do pântano. Afunda-se no canal, tenta desembaraçar-se do robe do pai, dos arrependimentos, do cansaço do cerco. A mãe olha para mim, em despedida. Não me devolve o sorriso. Encosto a mão no vidro partido. Os meus pensamentos no quarto cheio de sussurros. O quarto da mãe tem a porta aberta, vazio. Um adeus nas palmas embaciadas. A mãe levanta o braço, eu também. Vira o rosto para a frente, mergulha a anca na cratera.

Desaparece no canal. Sopro-lhe um beijo, depois saio de casa atrás dela. Desço as escadas aos saltos. A rua infinita à minha frente. Grito por ela, corro pela lama, pela neve, deslizo pelo gelo, enfio a cara na água da cratera, abro os olhos e aguento até não conseguir respirar. Grito até perder o fôlego. A menina do canal deve estar com ela.

O veleiro está ancorado, o pai segura o leme, abraço-o, uma felicidade tão inesperada.